



Shiva Nataraja e o Círculo de Fogo: a Eterna Dança da Criação.

O texto analisa o mito de Shiva Nataraja sob o prisma filosófico-religioso do Hinduísmo e sob o prisma arquetípico da Psicologia Analítica, fazendo um paralelo entre o mito hindu de criação, como uma dança cósmica contínua e a criação da consciência no indivíduo, como um produto da incessante atividade criativa da psique. O caráter arquetípico do simbolismo do fogo, central no mito de Shiva, também é analisado na iconografia cristã e indígena brasileira. Assim, procura-se ressaltar a riqueza do conhecimento que a leitura das imagens proporciona, fornecendo uma visão de mundo filosófica, religiosa e psicológica que se reflete nas práticas rituais que estes símbolos evocam.

Uma das características centrais do pensamento indiano é a sua concepção cíclica do tempo. Ao contrário da noção linear do tempo ocidental, que concebe as origens do universo num ponto distante e definível no passado longínquo, a visão oriental expressa a criação como um processo contínuo, sem início e sem fim, sucedendo-se em ciclos infindáveis de criação, sustentação e destruição do universo.

Um conceito importante para os hindus é *Brahman*, o Absoluto, o princípio unificador, a realidade última. É o divino em seu aspecto transcendente, sem forma, que está além de todas as definições e possibilidades de apreensão pelo intelecto. No entanto, ele também é imanente pois está presente em todas as coisas. Na verdade, todas as inúmeras manifestações do mundo fenomênico são expressões de *Brahman*, inclusive sua expressão antropomórfica presente na miríade de deuses e deusas do panteão hindu. *Shiva*, uma das personificações de *Brahman*, é um dos mais antigos deuses do hinduísmo e junto com *Vishnu* e *Brahma* forma a *trimurti*, na qual *Brahma* é o criador, *Vishnu* o preservador e *Shiva* o destruidor (CAPRA, 1993:72).

No período védico (1500 a.C.) o mito de criação mais conhecido fala de *Purusha*, o homem cósmico primordial, que foi sacrificado para que com as diversas partes do seu corpo se criassem os deuses, os quatro pontos cardeais (espaço), os animais e os humanos. Dessa forma o mundo é o próprio deus, é formado a partir de seu corpo. Para os hindus não há separação entre o homem e deus.

A manifestação do princípio divino na alma humana é *Atman*, que é da mesma natureza de *Brahman*. O reconhecimento da identidade entre *Atman* e *Brahman* é que leva à liberação do ciclo (*samsara*) infindável de repetição temporal de nascimento, de morte e renascimento no plano individual, e de criação, sustentação e destruição do Universo no plano cósmico.

Maya é o poder divino criativo de *Brahman*, é a expressão no mundo fenomênico de Shakti, o princípio feminino de criação. Ela torna-se ilusão enganadora quando perde-se de vista a unidade subjacente de *Brahman* e confunde-se a sua expressão fenomênica com a realidade última. Libertar-se é realizar que tudo é *Brahman*, inclusive nós próprios (CAPRA, 1993:73).

Assim, os mitos de criação hindus refletem esses conceitos e falam da criação como um processo que se repete ao longo de milhões de eras, e que também ocorre diariamente dentro de cada indivíduo. *Brahman* que tudo permeia e que também a tudo transcende tem seu aspecto de imobilidade, de repouso e silêncio, onde nada se manifesta. Ao fim desse período, uma vibração ocorre (*OM*, a sílaba sagrada primordial) e surgem as manifestações do mundo do nome e da forma (*nama-rupa*) que são sustentadas por um tempo incalculável, até que finalmente são dissolvidas novamente para surgir outra vez o período de repouso, que será sucedido por nova criação, e assim sucessivamente... (WATERSTONE, 2001:108).

Fazendo um paralelo com a psicologia junguiana, podemos imaginar que a criação da consciência também é um processo cíclico, uma vez que diariamente imergimos no inconsciente durante o sono e novamente retornamos ao consciente ao acordar. Durante a vida também passamos por um processo de desenvolvimento que inclui uma transformação contínua da consciência, que implica em novas criações ou

aquisições, assim como na morte ou abandono de princípios ou atitudes e na recriação de novos valores, além de longos períodos de aparente imobilidade e recolhimento.

O mito escolhido para ser analisado foi o de *Shiva Nataraja*, o Senhor da Dança, por ser uma das imagens de uma divindade hindu mais conhecidas no ocidente e também pela beleza, poesia e caráter sintético com que expressa conceitos complexos do pensamento hindu (Fig. 1).

SHIVA NATARAJA

Shiva representa uma infinidade de aspectos paradoxais: ele é ao mesmo tempo o patrono dos yogues, representado em profunda meditação no alto dos Himalaias, e também é o eterno dançarino, em movimento constante. Ele aparece em aspectos benévolos, suaves e femininos como também de forma irada e destrutiva. Sua ambigüidade também é representada em imagens em que aparece como metade homem, metade mulher, conhecido como *Ardhanarishvara*. *Shiva*, o Auspicioso, expressa todas as polaridades do mundo e ao mesmo tempo aponta para a liberação dessas polaridades encarnando a unidade que transcende os opostos (SHEARER, 1993:68-69).

Entre os séculos X e XIII no sul da Índia, hábeis escultores em bronze criaram a imagem de *Shiva Nataraja* realizando sua dança *Nadanta*, a qual é até hoje o paradigma para a iconografia do deus. É esta imagem que será analisada simbolicamente como representante do mito de criação como uma dança cósmica.

Shiva é representado dançando, com quatro braços, ornado com braceletes, colares e jóias nos cabelos, além de serpentes enroscadas no pescoço e nos braços. Os ornamentos tilintam, e algumas mechas de cabelos se soltam flutuando no ar à medida que o deus gira no ritmo frenético e extático da sua dança. No alto da sua cabeça, nos longos cabelos enrolados como uma coroa (como os cabelos dos *yogues* que ele representa) vemos algumas figuras simbólicas: a) Uma representação diminuta da deusa do sagrado rio Ganges (*Ganga*); b) Flores da figueira sagrada; c) Um crânio, símbolo da morte e d) Uma lua crescente, representando a força estimuladora da vida do princípio feminino (ZIMMER, 1993:132).

Na sua orelha direita há um brinco masculino e na sua orelha esquerda um brinco feminino. A sua mão direita superior segura um pequeno tambor em forma de ampulheta (*damaru*) que simboliza o som primordial, a vibração que inicia a criação e o ritmo que marca o tempo. No mesmo plano, a mão esquerda superior sustenta uma língua de fogo, o elemento da destruição. O equilíbrio das duas mãos ilustra o equilíbrio dinâmico de criação-destruição cíclica do universo. No centro entre as duas mãos encontra-se a face serena e imóvel de *Shiva*, representando a liberação da dualidade e do ciclo eterno de vida e morte.

A segunda mão direita faz o gesto de "não-temas" (*abhaya-mudra*) que confere proteção e paz, enquanto que a outra mão esquerda faz o gesto de "tromba de elefante" (*gaja-hasta-mudra*) lembrando o filho de *Shiva*, *Ganesha*, o removedor de obstáculos. Esse gesto aponta para o pé esquerdo erguido no ar, que significa a liberação, no qual o devoto encontra refúgio e salvação. O outro pé esmaga *Muyalaka*, o anão demoníaco, que representa a ignorância que deve ser vencida para se encontrar a verdadeira liberação.

“
o mundo
é o próprio deus,
é formado a partir
de seu corpo
”

“
O equilíbrio
das duas mãos
ilustra o equilíbrio
dinâmico de
criação-destruição
cíclica do universo.
”

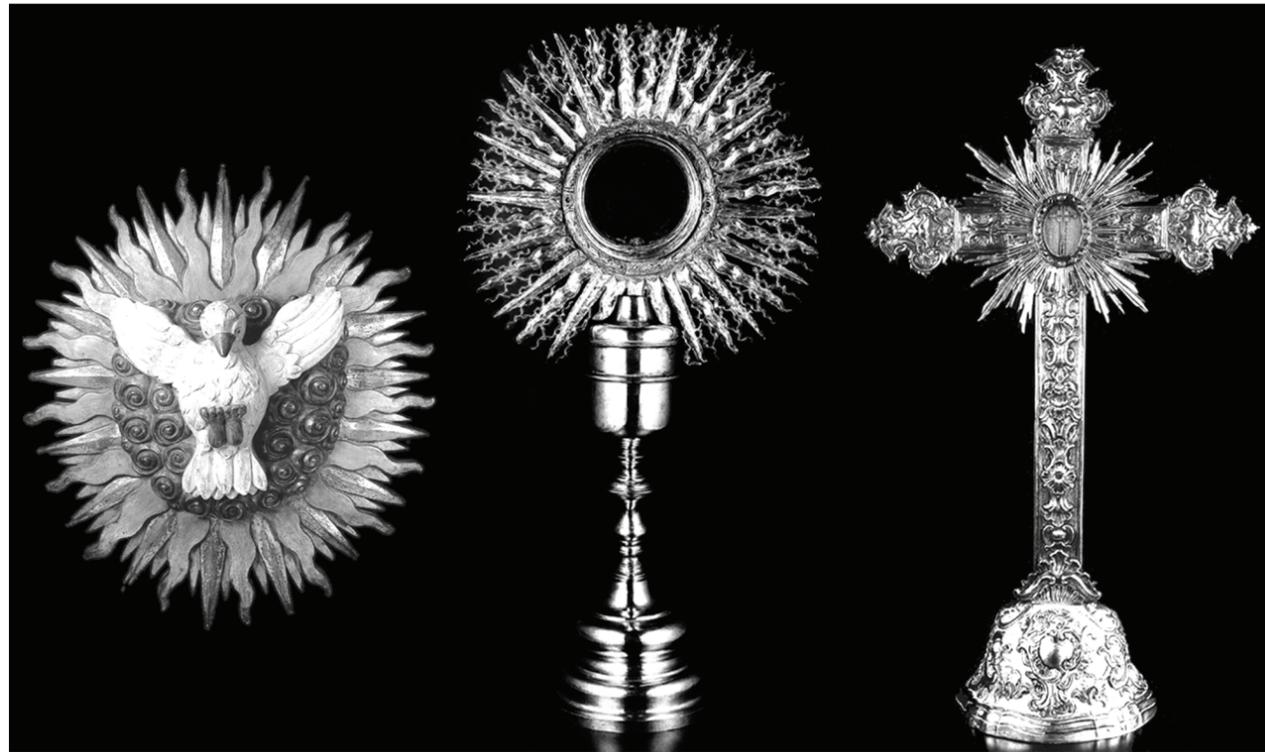


Fig. 2 - Espírito Santo
Madeira, século XVII.

Fig. 3 - Ostensório
Prata, século XVII.

Fig. 4 - Cruz - Relicário
Prata, século XVIII.

Finalizando esta esplêndida representação iconográfica há uma mandala de fogo circundando a figura de *Shiva*, como um símbolo da força emanante da dança divina. *Shiva* é o espírito e a mandala é a natureza, a matéria que pulsa, emanando a força do divino (ZIMMER, 1993:123-124).

COOMARASWAMY (1992:59) diz que essa dança mostra as cinco atividades de *Shiva*: a) Criação; b) Preservação; c) Destruição; d) Ilusão e e) Salvação. Essas atividades se realizam em torno do motivo central da dança, que é a atividade cósmica, o fluxo incessante de energia que permeia o universo em constante mutação. *Shiva* dança para criar e manter o universo, mas também para dar liberação desse fluxo incessante, destruindo a ignorância, o mundo das aparências e revelando a unidade primordial (*Brahman*) da qual ele é uma personificação. Segundo esse mesmo autor (1992:60) o significado mais profundo do mito se revela quando o devoto realiza que a dança de *Shiva* ocorre dentro do seu coração "*Chidambaram*, o Centro do Universo, está dentro do Coração" (COOMARASWAMY, 1992:65).

Esse belo mito de *Shiva* também pode ser analisado sob a perspectiva da psicologia analítica. O dinamismo da dança nos reporta ao dinamismo da psique e ao fluxo energético entre o consciente e o inconsciente, à dança entre essas duas dimensões que compõem a totalidade da psique, ou o universo, do ponto de vista psicológico.

A consciência, ao emergir do inconsciente, pode ser vista como um ato de criação, como o sol que se levanta do oceano espalhando a sua luz sobre o escuro profundo do inconsciente. À medida que avança na sua trajetória, a consciência tem que lidar progressivamente com as inúmeras polaridades que ela diferencia e que constituem o mundo das experiências que são reveladas pela sua luz. Ao longo do processo de desenvolvimento, essas polaridades devem ser integradas de modo a permitir ao



Fig. 5 - Coroa Vertical
Plumas - século XX (1937)
Índios Aparaí.

Fig. 6 - Altar
Madeira - séculos XVII-XVIII.

Fig. 7 - Santa Luzia
Madeira - século XVIII.

ego expandir-se, fortalecer-se e gradativamente perceber e relacionar-se com o Self, o centro da personalidade, no qual as polaridades são reunidas e os conflitos superados (o rosto sereno de *Shiva* no centro da mandala de fogo).

A dança de *Shiva* com suas evoluções e giros em torno do centro imóvel e estável, pode ser comparada ao movimento de centroversão relatado por NEUMANN (1990:209), no qual a totalidade psíquica se organiza em torno do centro organizador da personalidade, o Self. Na primeira metade da vida há um movimento de diferenciação, de ampliação contínua das experiências, que leva a consciência a experienciar a tensão dos opostos, representada pelas polaridades de *Shiva* e sua dança frenética e mutante. NEUMANN (1990:294) aponta que, na segunda metade da vida, a consciência começa a se voltar para o centro, fortalecendo-se e reduzindo a tensão na direção de um equilíbrio, harmonia e estabilidade em meio às mudanças constantes da vida.

A imagem do fogo, que tem forte presença nesse mito de criação, remete-nos a três significados importantes: a luz, como fonte de consciência, pelo seu caráter iluminador, o calor, como elemento dinâmico da emoção que traz vida e ação efetiva ao símbolo arquetípico e o movimento com seu caráter de transformação contínua como a dança. A imagem serena da face de *Shiva* no ponto central da mandala não significa passividade, mas confere estabilidade ao dinamismo dança que se realiza à sua volta, funcionando como o farol que ilumina os caminhos e o porto seguro em meio às tempestades da mudança. Por sua vez, o calor da emoção não está ligado apenas às paixões, que devem ser consumidas pela chama da destruição (mão esquerda superior), mas principalmente ao elemento vitalizante do entusiasmo, no seu significado mais profundo de estar "pleno de Deus", ou, em linguagem psicológica, de estar em contato com o Self.



Fig. 8 – São Miguel.
Madeira, século XVIII.

Fig. 9 – Shiva e Parvati.
Cartaz, cultura popular – séc. XX

Fig. 10 – Linga e cobra-capelo.
Escultura, Lepakshi, Índia – s/d

O Self é descrito de forma mais simples como a divindade empírica interna e equivale à imago Dei [...] ele é expresso por meio de determinadas imagens simbólicas típicas denominadas mandalas. (EDINGER, 1995:22)

O círculo de fogo, ou mandala, em torno de *Shiva*, representa a força emanante, profundamente transformadora e extremamente dinâmica, do centro sereno e imóvel de *Shiva* ou do Self, no qual todos os paradoxos se encontram possibilitando a integração da personalidade. "A humanidade como um todo e o indivíduo têm a mesma tarefa, ou seja, realizarem-se a si mesmos como uma unidade." (NEUMANN, 1990:295)

O SIMBOLISMO DO FOGO NO OCIDENTE

O caráter arquetípico do símbolo do fogo pode ser encontrado também na nossa cultura. Pode-se imaginar o advento do Cristianismo como o nascimento de uma nova consciência na cultura ocidental. Os mitos de criação revelam o surgimento da consciência tanto no indivíduo como na cultura. Pode-se ver um paralelo da simbologia do fogo na cultura cristã e indígena nas imagens das figuras 2 a 8.

Na figura 2 temos a iconografia do Espírito Santo nas suas duas formas tradicionais de representação: como pomba e como língua de fogo (Anunciação, Batismo de Cristo e Pentecostes). Como língua de fogo em Pentecostes simboliza a inspiração divina ou o contato com o Self, que modifica o ego.

As figuras 3, 4 e 6 mostram objetos devocionais (ostensório, cruz-relicário e altar), que evocam a mesma energia ígnea emanando do centro onde se encontra o foco do sagrado.

Na figura 5 vê-se um cocar indígena usado em cerimônias de iniciação por dançarinos

e neófitos. Os rituais religiosos fornecem meios de transformar a energia psíquica e esse ornamento mostra a força transmutadora do símbolo como elemento importante para a mudança de consciência na passagem de uma fase para outra no processo de desenvolvimento da personalidade.

Na figura 7 temos a tradicional auréola em torno da cabeça de Santa Luzia, representada como um halo de fogo. Finalmente, na figura 8, vemos uma representação de São Miguel com um movimento corporal dinâmico, lembrando a dança de *Shiva* e, sobre sua cabeça, uma formação que lembra a serpente-capelo, que habitualmente protege as divindades indianas (Figs. 9 e 10).

Para finalizar, ressaltamos que a força das imagens arquetípicas expressa um conhecimento que transcende as barreiras entre poesia, religião e ciência. CAPRA (1993:185) aponta que o mito da dança cósmica de *Shiva* fala também da realidade científica da matéria sub-atômica, envolvendo a base de toda existência e dos fenômenos naturais. A figura 11 ilustra esta fala, mostrando a fotografia de uma descarga elétrica que permite a criação de aminoácidos. Esse processo é o que se imagina esteja na base da criação da matéria orgânica, ou seja, da vida neste planeta. Nas palavras de COOMARASWAMY (1992:66):

Na noite de Brahman, a Natureza acha-se inerte e não pode dançar até que Shiva determine: ele se ergue do seu êxtase, e dançando, envia através da matéria inerte, ondas vibratórias do som que desperta e, veja! a matéria também dança, aparecendo como uma glória que o circunda. Dançando, ele sustenta os seus fenômenos multiformes. Na plenitude do tempo, dançando ainda, ele destrói todas as formas e nomes pelo fogo e lhes concede novo repouso. Isto é poesia e, contudo, também é ciência. ☞

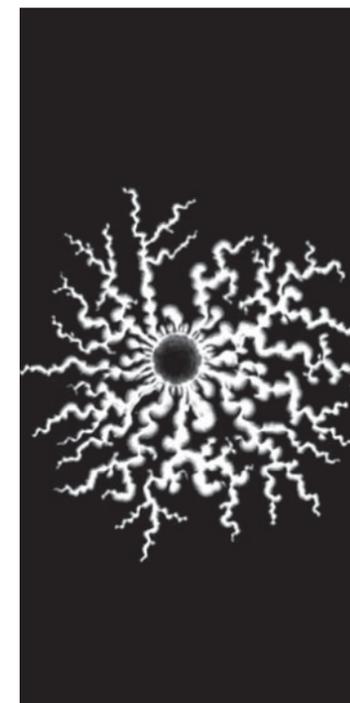


Fig. 11 - Fotografia, LICHTENBERG.

Bibliografia

- CAPRA, F., **O Tao da Física**. São Paulo, Cultrix, 1993.
 COOMARASWAMY, Ananda K., **The Dance of Shiva**. New York, Dover, 1992
 EDINGER, Edward F., **Ego e Arquétipo**. São Paulo, Cultrix, 1995.
 NEUMANN, E., **História da Origem da Consciência**. São Paulo, Cultrix, 1990.
 SHEARER, A., **The Hindu Vision**. London, Thames and Hudson, 1993.
 WATERSTONE, R., **O Espírito da Índia**. Köln, Taschen, 2001
 ZIMMER, H., **Mitos e Símbolos na Arte e Civilização da Índia**. São Paulo, Palas Athena, 1993.

Referência Bibliográfica das Imagens

- O Museu de Arte Sacra de São Paulo**. (1983) São Paulo, Banco Safra, Figs. 2, 3, 4, 6, 7 e 8.
O Museu Paraense Emilio Goeldi. (1986), São Paulo, Banco Safra, Fig. 5.
 MACLAGAN, D., **Mitos de Criação**. (1997), Rio de Janeiro, Del Prado, Fig.11.
 PISCHELL, G., **História Universal de Arte**. Vol. 1 (1966), Milão, Mondadori, Fig. 1.
 WATERSTONE, R., **O Espírito da Índia**. (2001), Köln, Taschen, Figs. 9 e 10.